Introdução

Na quaresma do Ano da Misericórdia não podemos deixar de parar um momento diante e sobre a parábola do Pai Misericordioso contada por Jesus. Jesus quer que conheçamos o Pai, é essa a Sua missão. Começamos este momento de oração e reflexão pedindo que o Espírito de Deus nos ilumine a fim de que possamos contactar com o nosso ser mais profundo, fazer o caminho de regresso ao Pai. Usamos as palavras do Cardeal inglês Henry Newman.

LUZ TERNA E SUAVE (em vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=dyLX99efDeA)

Que importa, Senhor, se é tão longe para mim a praia aonde tenho de chegar,

se levar constantemente pousada a clara luz do teu olhar.

Hoje te peço, Senhor, para seres a luz que me ilumina na plenitude da tua luz divina.

Luz terna e suave no meio da noite, leva-nos mais longe.

Não temos aqui uma morada permanente. Leva-nos mais longe.

Luz terna e suave no meio da noite.

Esquece, Senhor, os meus passos mal andados, meu desamor, perdoa o meu pecado.

Eu sei que vai raiar a madrugada e não nos deixarás abandonados.

Se Tu me dás a mão, Senhor, meus passos serão firmes no andar.

Leva-me mais longe para a Ti chegar.

Talvez seja importante começarmos por tentar perceber que imagens temos de Deus: Deus Pai; Deus criador; Deus justo; Deus mistério, Deus amigo, Deus juiz, Deus polícia.

Momento de reflexão (5 minutos) com musica de fundo.

(Se for conveniente faz-se um momento de partilha)

Introdução ao texto bíblico

Jesus apresenta-nos o seu Pai de uma forma especial a partir da parábola do Filho pródigo, também conhecida pela parábola do Pai Misericordioso. Ouçamo-la:

Do Evangelho segundo S. Lucas: 11* Disse ainda: «Um homem tinha dois filhos. 12 O mais novo disse ao pai: 'Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde.' E o pai repartiu os bens entre os dois. ^{13*}Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada. 14 Depois de gastar tudo, houve grande fome nesse país e ele começou a passar privações. 15* Então, foi colocar-se ao serviço de um dos habitantes daquela terra, o qual o mandou para os seus campos guardar porcos. ¹⁶Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. 17 E. caindo em si, disse: 'Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! ¹⁸Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; ¹⁹já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.' ²⁰E, levantando-se, foi ter com o pai. Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lancar-se-lhe ao pescoco e cobriu-o de beijos. ²¹O filho disse-lhe: 'Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.' ²²Mas o pai disse aos seus servos: 'Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés. ²³Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos, ²⁴porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.' E a festa principiou. ^{25*}Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças. ²⁶Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. ²⁷Disse-lhe ele: 'O teu irmão voltou porque chegou salvo.' teu pai matou vitelo gordo, são ²⁸Encolerizado, não queria entrar; mas 0 seu pai, saindo, suplicava-lhe entrasse. ²⁹Respondendo ao pai, disse-lhe: 'Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos; ³⁰e agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo gordo.' 31O pai respondeu-lhe: 'Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. 32 Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado.'»

I. O que diz o texto?

- **1. O motivo da parábola** (Lc.15,1-2): «Aproximavam-se dele todos os cobradores de impostos e pecadores para o ouvirem. Mas os fariseus e os doutores da Lei murmuravam dizendo entre si: "Este acolhe os pecadores e come com Eles".
- **2. O contexto literário:** ovelha perdida, dracma perdido, filho(s) perdido(s). Lucas sublinha a alegria do perdão.
- **3. O texto dividido em partes,** centradas na figura do Pai misericordioso que nos chama a tomar parte da sua alegria
 - I. O Pai e o filho mais novo (Lc.15,12-24)
 - II. O Pai e o Filho mais velho (Lc.15,25-32)
- **4. Os personagens.** Figura principal: o Pai. Que título dar à parábola? Um Pai e dois filhos. E não é a parábola de um filho bom e de outro mau. Bom é só o Pai. É a parábola do Pai misericordioso.
 - O Pai:

A humildade do Pai: Não usa a autoridade para forçar à obediência. Retrai-se para que o filho exista na liberdade. Abre espaço para o Filho e não lhe opõe resistência.

A esperança do Pai: O Pai permanece firme e fiel ao seu amor, na «expectativa» do regresso do Filho. Não desiste. Permanece à janela sem nunca perder do seu olhar a vida do Filho...Está à janela... E vê o Filho ao longe...

Compaixão e ternura do Pai: Ama o filho independentemente dos seus méritos, defeitos e feitio. Ama-o porque é Pai e tem coração de mãe...ama porque o gerou...Nada o faz deixar de amar, porque é Amor.

A coragem do Pai: Não teme perder «estatuto» ou «dignidade» ao esperar pelo regresso do filho. Abre os braços. Não cria distâncias, mas irradia amor.

A dor e alegria do Pai: O Pai que sofre é o Pai que ama. E sofre primeiramente porque vê o filho sofrer e sofre ainda no seu sofrimento. «Estava morto e voltou à Vida; estava perdido e reencontrou-se». Não é um Pai impassível, asséptico, frio... O Pai que sofre é o Pai que ama e se alegra pelo regresso d'Aquele que o faz sofrer. O Pai alegra-se porque vê o Filho readquirir a sua dignidade, reencontrar a sua Vida, pela força criadora do seu perdão...

• O Filho mais novo

Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao Pai: "Pai, dá-me a parte da herança que me compete", conta Jesus ao apresentar as dramáticas vicissitudes daquele jovem: a aventurosa partida da casa paterna, a dissipação de todos os seus bens numa vida dissoluta e vazia, os dias tenebrosos da distância e da fome e, pior ainda, da dignidade perdida, da humilhação e da vergonha; e, por fim, a nostalgia da própria casa, a coragem de regressar e o acolhimento do pai.

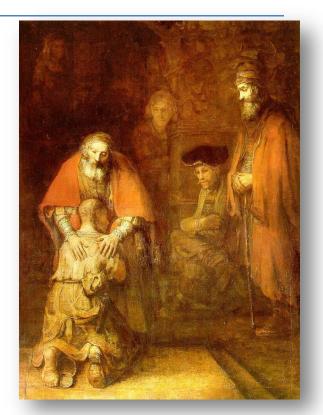
O Filho mais velho

A parábola faz entrar em cena também o irmão mais velho, que recusa ocupar o seu lugar no banquete. Condena o irmão mais novo os seus desvios e ao pai o acolhimento que lhe dispensou, enquanto a ele, obediente trabalhador, fiel ao pai e à casa, nunca foi permitido — diz ele — fazer uma festa com os amigos. Sinal de que não compreende a bondade do pai. Enquanto este irmão, demasiado seguro de si mesmo e dos próprios méritos, ciumento e desdenhoso, cheio de azedume e de raiva, não se converteu e se reconciliou com o pai e com o irmão, o banquete ainda não era, no sentido pleno, a festa do encontro e do convívio recuperado.

O quadro de Rembrandt- O Regresso do Filho Pródigo

Olhemos para esta cena cheia de misericórdia a partir de uma obra de arte. *O Regresso do Filho pródigo* de Rembrandt. Baseio-me inteiramente na obra de Henri Nouwen¹ que fez uma meditação sobre este quadro no livro que adotou o nome do quadro de Rembrandt. Nouwen viveu uma verdadeira experiência espiritual com a obra deste artista: "Quanto mais falava do Filho pródigo mais o considerava como se fosse a minha própria obra: um quadro que encerra, não só o essencial da história que Deus quer que eu conte, mas também o que eu próprio quero contar a Deus e aos homens e mulheres de Deus. Nele está todo o Evangelho." (p.23).

Observemos atentamente a imagem (cada participante



¹ Nouwen, H., O Regresso do Filho Pródigo, meditações perante um quadro de Rembrandt, Apostolado da Oração, Braga, 1995

deve ter uma pequena imagem do quadro).

(Momento de silêncio e contemplação do quadro)

Diálogo:

Qual a personagem que mais me salta à vista? Porquê?

Com qual me sinto mais indentificado a? Tento perceber e dizer porquê.

Rembrandt pintou o Filho pródigo nos últimos anos da sua fica. Foi, certamente, uma das suas últimas obras. Nela expressa o caminho humano e espiritual de toda uma vida. Ele próprio ter-se-á identificado com o Filho e com o Pai e por isso no quadro manifesta o seu *ser* estas personagens da parábola contada por Jesus. "Antes de vir a ser como o Pai, Rembrandt foi, durante muito tempo, como o jovem orgulhoso que juntou as suas coisas e se foi embora para um país longínquo. (...) Foi conhecido como um jovem plenamente convencido do seu talento e ansioso por conhecer tudo quanto o mundo tem para oferecer: um extrovertido, amante da luxúria e insensível a quantos o rodeiam. (p.37/8).

Entremos no quadro

Comecemos por contemplar o FILHO MAIS NOVO.

Cabeça rapada: recorda os prisioneiros cujo nome foi substituído por um número. Quando rapam a cabeça a um homem privam-no de uma marca da sua individualidade (tal como se fazia nos campos de concentração).

As vestes: trata-se de roupa interior que mal lhe cobre o corpo macilento. Ao contrário dos dois personagens que estão de pé, o filho que regressa não tem manto e encontra-se ajoelhado, numa situação inferior, portanto. Faz lembrar um escravo.

Plantas dos pés: revelam a história de uma viagem humilhante. Tem uma cicatriz no pé esquerdo, que está sem sandália. O pé direito, parcialmente calçado numa sandália rota fala também da miséria e sofrimento.

É um homem despojado de tudo menos da sua espada.



Espada: único símbolo de dignidade que lhe resta, símbolo da origem nobre. No meio de toda a degradação agarrou-se ao facto de, apesar de tudo, ser filho do Pai. Foi precisamente no recordar e valorizar o laço que os unia que resolveu regressar.

A palavra "Regresso" implica uma partida, uma rutura, uma separação. Estamos diante de um homem que regressa ao Pai, ao seu seio, porque um dia partiu, afastou-se desse lugar quente e intenso que transmite amor e serenidade. A partida tem a forte característica do filho ter desejado a morte ao seu pai. Ao pedir-lhe a "parte dos bens que me corresponde" o filho mais novo faz um gesto mais ofensivo do que pode parecer num primeiro momento. Pressupõe a rejeição do lar em que se nasceu e foi alimentado. Pode mesmo ser lido como um corte drástico com a forma de viver, pensar e agir que lhe fora transmitida em família.

Deixar o lar significa negar a realidade espiritual de que pertenço a Deus. É fazer-se surdo à voz que me chama "meu filho muito amado", abandonar o único lugar onde posso ouvir essa voz e ir-se embora, esperando desesperadamente encontrar noutro lugar o que não fui capaz de encontrar em casa.

Deus Pai fala de forma discreta, como a brisa suave (1Rs 19, 11-13) mas há muitas outras vozes, vozes fortes, vozes cheias de promessas muito sedutoras. Estão sempre presentes e sempre atingem o mais íntimo de mim mesmo. Deixo o lar de cada vez que perco a fé na voz que me chama "meu filho amado" e faço caso das vozes que me propõem uma imensa variedade de formas de alcançar o amor que tanto desejo.

Pistas de reflexão:

Sinto-me filho/a de Deus? Ou rejeito-O ou rejeitei em algum momento da minha vida? Sinto-me na casa do Pai, em segurança? Sinto-me amado/a?

Que vozes me afastam de Deus? Que vozes ouço normalmente no meu dia-a-dia? De onde me vêm essas vozes? Duvido sobre a minha bondade e o meu valor? Preciso de provar que sou importante? Acredito que o amor é algo gratuito ou faço tudo para o merecer de quem me rodeia?

Se estou longe de casa, o que me falta para voltar?

Peço-Te Senhor, ajuda-me a reencontrar o meu eu mais profundo.

O filho mais velho

"Tanto na história como no quadro, a conversão mais difícil foi a do que ficou em casa" (p.75)

Trata-se da testemunha principal do regresso do irmão. Observa como o Pai abraça o filho mas está como que ausente. Olha para o pai sem alegria. Não se aproxima, não sorri, não exprime acolhimento. Domina o lado direito do quadro e entre ele e a cena calorosa do lado esquerdo há como que um espaço de tensão em aberto.

É uma personagem, fisicamente, muito parecida com o Pai: ambos têm barba e dos ombros pendem-lhes longos mantos vermelhos. Mas se olharmos atentamente encontramos diferenças significativas: o Pai inclina-se, o filho está de pé, rígido; o manto do pai acolhe, o do filho é pesado e cai direito; as mãos do pai estão abertas, as do filho estão fechadas; há luz nos dois rostos, mas a do pai difunde-se por todo o corpo.

"Nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos" (v.29).

Estas palavras falam de mágoa. A sua autoestima sente-se ferida pela alegria do pai e a própria ira impede-o de reconhecer aquele patife como seu irmão. Com as palavras "esse teu filho" distancia-se do irmão e do Pai. Olha para eles como se fossem estranhos, deixou de ter irmão e também já não tem Pai. A luz que habita apenas o seu rosto é sinal da alegria do Pai ao qual é convidado e que não o consegue penetrar. A verdadeira comunhão desapareceu. Toda a relação se perdeu na escuridão.

Ter medo ou manifestar desdém, mostra-se submisso ou pretender controlar, ser opressor ou ser vítima- eis as atitudes que restam a quem está fora da luz. O ódio que advém de uma comparação, a raiva que provém da dor de não se sentir tão amado são provavelmente os sentimentos deste homem. **Como sair deles?** Como libertar-se da sua escuridão para acolher a Luz acolhedora do Pai. **Confiança e gratidão** são caminho. Confiança é a convicção profunda de que o Pai me quer em casa. Deus anda à tua procura. Irá seja onde for para te encontrar. Ama-te, quer-te em casa, não descansa enquanto não estiveres ao pé d'Ele. A lei da gratidão é o esforço explícito por reconhecer que tudo o que sou e tenho me foi dado como dom de amor, dom que tenho de saudar com alegria.

É sempre possível escolher entre ressentimento e gratidão porque Deus surgiu na minha escuridão, animou-me a vir para casa e disse-me num tom cheio de ternura: "Tu estás sempre comigo, tudo o que é meu é teu".

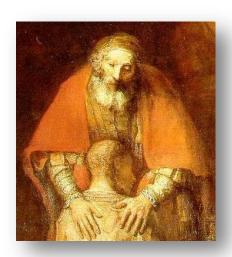
Pistas de reflexão:

Que ódios trago comigo? Que situações mal resolvidas "empatam" a minha caminhada para a verdadeira vida? Em que aspetos me identifico com este Filho? Quais sãos as suas características que também são minhas? Confio em Deus? Agradeço-lhe tudo o que sou e tenho?

O PAI

Em vez de se intitular "O regresso do Filho Pródigo" esta obra parábola poderia chamar-se "As boas-vindas do Pai misericordioso". De facto este é o centro da parábola e também do quadro de Rembrandt. Nesta história, os dois irmãos não são qualificados como um bom e outro mau. Bom é só o Pai.

Cada um dos pormenores da figura do Pai- a expressão do rosto, a posição, as cores da roupa, o gesto tranquilo das mãosfala do amor divino para com a humanidade, amor que existe desde o princípio e para sempre.



Rosto- deparamo-nos com um Patriarca benevolente, homem quase cego mas que vê em profundidade.

Mãos- Parece que as mãos que tocam nas costas do filho recém-chegado, são os instrumentos do

olhar interior do pai. mais com as mãos que com a boca o Pai quer dizer: "Tu és o meu amado". Tocam no filho numa bênção interminável.

As mãos são o centro deste quadro. Nelas se concentra toda a luz; para elas se dirigem os olhares dos curiosos; nelas a misericórdia faz-se carne, reúnem-se o perdão, a reconciliação e a cura. A mão esquerda é forte e



musculosa parece suster com a sua força; toca com ternura mas com firmeza. A mão direita é bastante diferente: é fina, suave e muito terna. Os dedos estão juntos e são muito elegantes. Apoiam-se ternamente no ombro do filho. Parece guerer acariciar, animar, consolar e confortar.

Recorda-nos a mão de uma mãe. É curioso notar que a mão mais feminina está do lado mais vulnerável do filho, representado pelo seu pé descalço, enquanto a mão mais forte parece querer reforçar o filho no seu desejo de prosseguir a vida, simbolicamente visível no pé que mantém a sandália, ainda que meio desfeita.

Manto vermelho: com a sua cor cálida e a forma curva oferece um lugar de acolhimento onde dá gosto estar. Aliás é bem perto do seu ventre que o Pai acolhe o Filho. Este recém-chegado parece quase um recém-renascido. O abraço do Pai recorda-nos o abraço da mãe que acaricia o seu filho e o envolve com o calor do seu corpo, o aperta contra o ventre de onde saiu. Assim o regresso do Filho pródigo transformase no regresso ao ventre de Deus, um nascer de novo.

O que está aqui representado é o amor e a misericórdia divinas, na sua capacidade de transformar a morte em vida. (Jakob Rosenberg citado na p.44). O amor de Deus não depende do nosso arrependimento nem das nossas mudanças.

Deus, todas as pessoas são amadas, única e totalmente.



O pai não faz comparações entre os dois filhos. Ama ambos com um amor total e exprime esse amor de acordo com as suas trajetórias pessoais.

Quer eu seja o filho mais novo, que o mais velho, o único desejo de Deus é levar-me para casa. Deus implora-me que volte para casa, que volte a entrar na sua luz para descobrir de novo que, em

Pistas de reflexão:

Não seria bom aumentar a alegria de Deus deixando-O encontrar-me e levar-me para casa? Que conceito tenho de mim mesmo a? Posso aceitar que vale a pena procurar-me? Creio verdadeiramente que Deus deseja estar comigo?

Conclusão

A parábola do Filho pródigo é a história que fala do amor que já existia antes de qualquer rejeição e que estará presente depois de terem acontecido todas as rejeições. É o amor primeiro e duradouro de um Deus que é Pai e Mãe. É a fonte do amor humano, mesmo do mais diminuto. É o amor que sempre dá as boas-vindas a casa e que sempre as quer festejar.